



## **O teatro na formação de educadores/as: Possíveis relações com uma prática pedagógica significativa**

**Autor(es):** CASTILHOS, Joelma Santos  
**Apresentador:** Joelma Santos Castilhos  
**Orientador:** Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo  
**Revisor 1:** Fabiane Tejada  
**Revisor 2:** Rita de Cássia Tavares Medeiros  
**Instituição:** FAE - GPCIEI - UFPel

### **O TEATRO NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA**

**CASTILHOS**, Joelma Santos<sup>1</sup>; Orientador: Dr. **FIGUEIREDO**<sup>2</sup>, Márcio Xavier Bonorino

<sup>1,2</sup> Pós-Graduação em Educação Infantil – FAE/GPCIEI/UFPEL  
[joelmasc@terra.com.br](mailto:joelmasc@terra.com.br); [bonorino.sul@terra.com.br](mailto:bonorino.sul@terra.com.br)

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente texto se propõe a investigar as relações que o teatro estabelece com a educação, isto é, na transformação do educador/a, relação educador-aluno no espaço escolar, a partir da arte teatral, da pedagogia do corpo, da sensibilização para o jogo da alteridade (onde incidem a percepção das noções de tempo e espaço).

Nesse sentido, o meu olhar reflexivo aconteceu durante a minha experiência de campo, enquanto ministrante de uma oficina de teatro para as alunas da Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em abril de 2007.

Torna-se importante salientar que os objetivos desse trabalho foram os seguintes: permitir que as alunas tivessem conhecimento do teatro enquanto uma ferramenta metodológica para trabalhar em sala de aula; despertar o potencial do educador; trabalhar a sensibilidade a partir da imagem, levando a descobrir o seu corpo, a das colegas; por fim, perceber o ambiente que cerca uma sala de aula, uma escola.

Nessa perspectiva, Santos (2002, p. 16) enfatiza que o espaço adequado ao desenvolvimento da brincadeira (seja a sala de aula ou os locais destinados ao recreio) e a organização do material a ser disponibilizado são aspectos que merecem toda a atenção da parte de um educador/a. Nesse caso, o mesmo deve considerar o seguinte: as necessidades referentes às diferentes faixas etárias e à

peculiaridade dos grupos, tendo em vista os interesses específicos e a capacidade de concentração e organização dos mesmos.

Creio que o êxito da educação na escola depende muito de como os educadores apresentam as suas propostas e desafiam os seus alunos para as atividades.

Spolin,(1963:3)ressalta, “que aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações”. O aspecto da linguagem teatral que me surpreende a partir de Viola Spolin é o sistema de jogos teatrais que tem por base os jogos de regras, que propõe uma condição educacional diferente, onde o grupo constrói junto de forma prazerosa o aprendizado — portanto, que dispensa o educador autoritário, aquele que sabe tudo. Nesse caso o educador/a participa como estimulador e coordenador do processo, tendo uma postura para a sensibilidade, uma educação do sentir, do conversar, brincar, rir, chorar e olhar no ensino das artes.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa concentrou-se em vivências: explorações das possibilidades do corpo, dos gestos e do ritmo, a partir de exercícios teatrais e atividades lúdicas. Isto é, observando o corpo enquanto uma forma de expressão, os educadores/as desenvolveram a percepção do outro e do senso de escuta interior do grupo.

Nessa investigação foram utilizados jogos teatrais, fotografias como recurso não-verbal, para auxiliar a memória dos participantes, também como um meio de análise e reflexão do papel do educador/a no processo de teatro e educação. A partir das imagens procurei registrar o espaço, o tempo antes e o depois, ou seja, os educadores chegando à sala de aula e se inserindo nas atividades gradativamente. Da mesma forma, as suas relações durante os exercícios, o que revelou uma realidade em transformação.

Outro aspecto que pude observar foi o desenvolvimento corporal das professoras, da predisposição dentro de um espaço de educação (agora) transformado pelo espaço cênico. Pode-se dizer que a oficina de teatro tornou possível um novo olhar sobre o tempo e o espaço, ao mesmo tempo em que contribuiu para a superação dos modelos pedagógicos tradicionais, conservadores, já desgastados.

Para uma melhor abordagem da trajetória das alunas, através dessa oficina pretendi abordar através de determinados exercícios alguns pontos de aproximação do teatro com a educação. A partir disso foi possível entender como os educadores em formação, com as suas práticas, suas experiências docentes ressignificam o fazer pedagógico depois dessa aproximação dos jogos teatrais com o ensino.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Contemporaneamente, muitos debates têm sido realizados sobre o como fazer aulas atrativas, instigantes, significativas aos alunos, entre muitas preocupações que os educadores têm procurado soluções coletivas. A respeito disso, as idéias defendidas tanto por teóricos quanto por professores são variadas e às vezes divergentes, o que ocasiona diferentes práticas no ato de ensinar.

Independentemente da postura ou tipo de idéia defendida, o educador exerce o papel importante, pois é ele que tem o poder de expressar o lugar desse aluno e, através da sua *performance*, conferir um sentido à prática educativa, além de valorizar cada aluno envolvido no processo.

Mas o que essa discussão tem a haver com o teatro? Ao se pensar pedagogicamente, devemos levar em conta a diversidade de realidades que existem no espaço escolar onde a arte teatral pode incidir enquanto uma idéia de enfrentar e problematizar as questões surgidas na prática pedagógica. Isto é, o teatro pode transformar os aspectos da aprendizagem em uma experiência lúdica, dessa forma, como uma forma que integre educadores/as e alunos no cotidiano da sala de aula.

Muito se tem discutido, debatido a respeito da importância de uma formação permanente de professores/as, que depois que terminam os seus estudos (magistério, graduação) entra em sala de aula para ministrarem aulas para as crianças. Fica o desafio da inovação constante e a resistência da acomodação que emperra a prática escolar. Pode-se dizer que a escola tem uma visão conservadora do ofício do educador, isto é, um profissional racional, técnico, sem corporeidade. O papel dessa pessoa é repassar determinados conteúdos de programas curriculares, atenderem aulas superlotadas, geralmente com material didático inadequado, receber baixos salários, etc.

Tardif (2002, p. 19) observa que a conseqüência disso é que as relações sociais com os diferentes grupos (alunos, pais, direção, comunidade) se deterioram. Creio que ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando os mesmos na prática docente para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho docente.

Na medida em que os educadores participam de atividades de formação, oficinas de teatro, vivências corporais — a partir de uma pedagogia mais consciente das suas possibilidades e limitações ao desempenho do papel de docente — os mesmos transcendem a rotina, o ensino tradicional.

#### **4. CONCLUSÕES**

Para a elaboração desse resumo tomei como referência teórica os autores relacionados ao campo de estudos da corporalidade, mais especificamente aqueles que articulam o aporte teórico do teatro e da educação. Santos e Tardif tornam evidente a necessidade de um entendimento na formação do professores entre a arte teatral e a educação.

A partir disso, o meu argumento vai ao sentido de apresentar um caminho que converge (e muito) na formação dos educadores/as que trabalharão em sala de aula, qual seja: que os mesmos tenham disciplinas tanto de teatro quanto de música no decorrer de seu curso de graduação.

A introdução de disciplinas de teatro e música por certo levará a transformação da sua prática docente e, com isso, a relação educador-aluno nas salas de aula das escolas.

Como escreve (Boal, 1996: 25) ao seu ver, a arte-educação permite ao ser humano adquirir vivências do que na viveu, tornando-o não apenas sensível, solidário e consciente, mas, também, participante e construtor de um viver mais pleno: a convivência com a arte, em geral comove, entenece, da esperança, enriquece a experiência de estar no mundo.

Como aluna da Especialização Educação Infantil, do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação, compreendo a importância de ter ministrado as oficinas de jogos teatrais, pois ampliou minha visão (no caso pedagógica e cênica), do que é ser uma educadora.

O nosso desafio enquanto educadores/as não são nem definir o certo e o errado, nem estabelecer julgamentos, mas, sim, aprender outras maneiras de compreender o mundo junto com os alunos.

## 5. REFERÊNCIAS

Boal, A. *200 Exercícios e jogos para ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. *O Arco Íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

FIGUEIREDO, M. X. B. *Corporeidade Na Escola Brincadeiras, Jogos e Desenhos*. Pelotas: Editora UFPEL, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Jogo da Corporeidade na Educação da Infância à Escola*. Pelotas: Editora UFPEL, 2001.

KOUDELA, I. D. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

POTRICH, C. M. e SITTA, S. M. C. *Teatro: Espaço de educação tempo para sensibilidade*. Passo Fundo: Editora UPF, 2005.

PILLAR, A. D. (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Editora Mediação: Porto Alegre: 2001.

REVERBEL, O. *Vamos alfabetizar com jogos dramáticos? Atividades básicas*. Porto Alegre: Editora kuarrup, 1993.

SANTOS, V. L. B. *Brincadeira e Conhecimento do faz-de-conta á representação teatral*. Editora Mediação: Porto Alegre: 2002.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. Editora Perspectiva: São Paulo: 1963.

TARDIF, M. Saberes Docentes e Formação Profissional. Editora Vozes: RJ :2002.